

★ OS MOUROS

OTELO E DOM CASMURRO, CONEXÕES E RECRIAÇÕES

Camila Costa Melo

Atriz e Produtora Cultural desde 2010. Graduada em Pedagogia (UNIVESP) e Design de Interiores (FMU), com especialização em Movimentos Sociais e Crises Contemporâneas à luz dos clássicos do materialismo crítico (UNESP) e formação em Direção e Atuação pelo Centro de Artes Célia Helena. Integrante da Cia Teatro dos Ventos desde 2013, integrando atualmente o elenco do espetáculo “O Sonho Americano”

Resumo: Este ensaio aborda as conexões entre as obras: *A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Para tanto, observamos as particularidades de cada linguagem – a teatral e o romance – e as suas aproximações e seus distanciamentos, bem como as possibilidades de recriação artística a partir de seus significados e sentidos.

Palavras-chave: teatro; teatro e literatura; clássicos; Shakespeare; Machado de Assis, recriação artística, intertextualidade; literatura comparada; Otelo; Dom Casmurro,

THE MOORS:

OTHELLO AND DOM CASMURRO, CONNECTIONS AND RECREATIONS

Abstract: This essay addresses the connections between the works: The Tragedy of Othello, the Moor of Venice, by William Shakespeare, and Dom Casmurro, by Machado de Assis. To this end, we observe the particularities of each medium — the theatrical and the novel — their similarities and differences, as well as the possibilities of artistic recreation based on their meanings and senses.

Keywords: theater, theater and literature, classics, Shakespeare, Machado de Assis, artistic recreation; intertextuality; comparative literature; Othello; Dom Casmurro.

Introdução

Em todas as sociedades humanas os temas se repetem: na Filosofia, nas Liturgias; interpretado por profetas e teólogos, poetas, e na arte. Os temas humanos são apresentados, desenvolvidos, reafirmados, ampliados, resolvidos. Os símbolos se repetem nas mais distintas culturas e podem tocar nos mais profundos centros da motivação humana¹. O material do mito é a vida: uma mulher e seu filho são a imagem básica da mitologia, mas há outras que aparecem em toda parte, como o forasteiro, o filho devoto da mãe, um guerreiro, a traição, a honra, a casa como símbolo da alma, o amor puro juvenil, o mar, o destino². Todos esses símbolos aparecem nos dois textos que serão estudados neste artigo: *A tragédia de Otelo, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare e *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Esses símbolos são habilmente manipulados na mão do grande escritor da língua inglesa e em um dos maiores da língua portuguesa e compõem duas obras primas, amplamente descritas e estudadas por muitos autores. Este estudo pretende pontuar aproximações e distanciamentos entre essas duas narrativas, que tratam do mesmo tema, os ciúmes, ou ainda trabalham os mesmos símbolos, a composição de cada um dos personagens e de como cada um, de seu modo particular, mostra suas potências e fraquezas. Também nos interessa observar as particularidades de cada linguagem: a teatral e o romance, e as possibilidades de recriação artística a partir de seus significados e sentidos.

Para isso são utilizadas como bibliografias basilares deste artigo os ensaios “A personagem do teatro”, de Décio Almeida Prado, e o “Personagem do romance”, de Antônio Candido, ambos integrando o livro *Personagem de ficção*, da série debates, da editora Perspectiva. Também é basilar o estudo *Otelo brasileiro de Machado de Assis*, de Helen Caldwell, o texto *Otelo*, de Shakespeare, com notas e comentários da 5ª edição da Penguin Companhia. Este ensaio integra uma série de estudos e experimentos

cênicos voltados para a escrita e a montagem da peça *A última página de Machado de Assis*.

Dom Casmurro

Quando nos colocamos a evocar um personagem na literatura internacional ligada ao ciúme, a desconfiança e traição, somos levados a pensar em *Otelo*, bem como, se assim fizermos no âmbito da literatura nacional, pensaremos em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Segundo Helen Caldwell, tradutora e pesquisadora americana da obra machadiana, são obras intrinsecamente ligadas, o escritor usou a peça *Otelo* como modelo, recriando seu enredo, porém mantendo seu argumento central.

Dom Casmurro é o sétimo livro do escritor Machado de Assis. A obra foi escrita 27 anos depois do seu primeiro romance³ e sua primeira publicação foi feita pela livraria Garnier, em 1900 e, desde então, influenciou inúmeros escritores brasileiros.⁴ O romance é ambientado no Rio de Janeiro, que vivia uma grande efervescência cultural, econômica e política que se iniciou, desde as transformações sociais provocadas pela chegada da monarquia portuguesa àquela cidade, em 1808.

Trata-se de uma obra da fase realista de Machado. Nela, o autor dispensa um narrador anônimo e coloca o personagem central da trama, Bento Santiago, também chamado ora de Bentinho, ora Dom Casmurro, para contar a sua própria história, dando-nos a sua versão dos fatos de sua vida. Por isso, só é possível sabermos dele o que ele nos conta acerca do que pensa e faz. Assim, depois de desistir de escrever um livro sobre a história dos subúrbios, o narrador, um homem maduro, com seus 57 anos de idade, resolve escrever sobre sua própria história. A narrativa centra-se na sua relação com Capitolina, também chamada de Capitu, que conhecera na infância e viria a ser sua esposa.

Ele a conheceu quando eram vizinhos. Diferentemente dele, que era oriundo de uma fa-

mília abastada, ela era filha de um funcionário público sem muito prestígio e nem recursos. Por isso, ela possuía muita esperteza para lidar com as adversidades da vida. Capitu tinha um espírito livre, enquanto Bentinho tinha suas vontades subjugadas pela mãe. Ele era vacilante e medroso e pretendia resolver seus problemas de maneira fantasiosa ao invés de enfrentá-los concretamente, como podemos ver em seu desejo de que o imperador Dom Pedro II convencesse sua mãe a desistir de matriculá-lo em um seminário. Ele somente consegue deixar o seminário com a ajuda de Capitu para, a seguir, ingressar e se formar no curso de direito. Enquanto Bentinho estudava, Capitu se aproxima de sua mãe e ambos conquistam a sua aprovação para se casarem, indo morar numa propriedade da família de Bentinho, localizada na praia da Glória. Em pouco tempo de união, têm seu primeiro e único filho, Ezequiel.

Todavia, dada suas fraquezas emocionais e suas inseguranças, Bento Santiago não consegue viver plenamente feliz ao lado de sua esposa e a acusa de adultério. Acreditando que Ezequiel é fruto de uma traição, acaba por enviar Capitu e seu filho para a Europa. Ela nunca mais volta para o país, morrendo na Suíça. Ao longo de seu exílio, ela nunca deixou de amar o marido e de justificar suas escolhas para seu filho. Já moço e após a morte da mãe, Ezequiel volta ao país, Dom Casmurro o recebe em sua casa, sem deixar de acreditar que ele é filho de outro homem. Pouco tempo depois o jovem parte para uma expedição ao exterior, ocasião em que contrai uma moléstia que rapidamente tira-lhe a vida. Casmurro sente-se aliviado e feliz pela morte do jovem. Para a pesquisadora Helen Caldwell: “O leitor testemunha a luta entre o amor e o ciúme pela possessão do coração de um homem, sendo o amor tardia, mas totalmente derrotado” (Caldwell, 2022, pág.18).

A autora destaca as associações fonéticas e semânticas que frequentemente Machado fazia em suas obras, defendendo que “Casmurro” tem uma referência clara na palavra Mouro, trazendo a

referência de Otelo tão logo para o primeiro capítulo da trama,⁵ segundo ela, é Bento Santiago que “revela que se trata da história de Otelo, mas com certa diferença muito importante, sua Desdêmona é culpada” (Caldwell, 2022, pág.21).

A pesquisadora foi a primeira a escrever um ensaio levantando a hipótese da manipulação argumentativa que o personagem principal do romance *Dom Casmurro*, o advogado Bento Santiago, faz para provar que Capitu cometeu um adultério. Enquanto faz isso, tenta convencer o público da sua inocência, escondendo e minimizando seus erros⁶, o que mais tarde Schwarz chamaria de “Poesia envenenada” (Schwarz, 2000, p. 112).

Como marido ciumento, Bentinho narra os eventos da forma que lhe convém, distorcendo as boas ações de Capitu, que são colocadas como dissimulações e manipulações. Na verdade, a astúcia de Capitu revela-se uma esperteza sem vilania de uma mulher de origem humilde que utiliza a inteligência e o cultivo de relações sociais como meios legítimos de ascensão, conforme Roberto Schwarz (2000). Para o crítico literário, não havia muito mais o que as mulheres de baixa condição tinham a fazer para manter-se naquela sociedade patriarcal e desigual. Como escreveu Schwarz em outro ensaio

“Capitu não é só Capitu porque pensa com a própria cabeça. Embora emancipada interiormente da sujeição paternalista exteriormente ela tem de se haver com a mesma sujeição, que forma o seu meio. O encanto da personagem se deve a naturalidade com o que se move no ambiente que superou, cujos meandros e mecanismos de menina conhece com o discernimento de estadista” (Schwarz, 1997, pág.25).

Otelo

William Shakespeare, escreveu Otelo entre os anos de 1601 e 1604. Como é notório, o autor é tido como o maior escritor do idioma inglês e considerado por muitos o maior dramaturgo da his-

tória. Otelo gira em torno de quatro personagens principais: Otelo, um general Mouro; sua jovem e recém esposa, Desdêmona; e seus dois subalternos, Cássio e Iago⁷. Otelo é um general de guerra estabelecido e respeitado em Veneza, ainda que forasteiro de pele escura. Iago admirava seu comandante, todavia, ao ser preterido para uma promoção para a qual Otelo escolheu Cássio, o militar passa a ansiar por vingança. Imbuído de ódio, coloca seu grande poder de oratória e inteligência a favor de suas intenções: mente, manipula, forja uma prova e mata sem titubear. A maior faceta que vemos do personagem é sua maldade, e assim segue seu plano: instalar uma dúvida no coração de Otelo quanto à fidelidade de Desdêmona, manipulando habilmente metáforas animais e mexendo assim nos seus medos mais profundos, o que culmina com a morte da jovem.

Conhecemos Iago em dois aspectos: no que ele fala em seus solilóquios, onde vemos o que ele realmente pensa, e em suas ações, oportunistas e manipuladoras. Suas falas para com os demais personagens são de um homem bom, porém suas ações trabalham para o mal, são só aparências.

Ao longo do desenvolvimento da narrativa, o público toma contato com as variações emocionais de Otelo, desde general respeitado pela sua bravura e racionalidade, passando por um homem inseguro e manipulável até chegar ao descontrole emocional matando sua esposa por ciúmes. A figura de um general forte desvanece e vemos um estrangeiro que depende de seus anfitriões e precisa defender acima de tudo sua honra. Para manipular Otelo, Iago não precisa mais do que sugerir suspeitas e forjar tão somente uma prova: ele rouba o lenço dado por Otelo à Desdêmona e o coloca em posse de Cássio. Segundo W.H. Auden: “Todas as grandes tragédias shakespearianas tratam, em primeiro lugar, de ansiedade e segurança e, em segundo, de liberdade e necessidade (...) o que é digno de compaixão é que o herói tenha escolhido como escolheu, porque ele poderia ter escolhido de outra maneira” (Auden, 2022, pág.377), lamentavelmen-

te, entre acreditar na esposa ou nas palavras de Iago, Otelo sucumbe à mentira. Para Jan Kott: “*Otelo*, assim como o *Rei Lear* e *Macbeth*, é a tragédia do homem sob um céu vazio” (Koot, 2003, pág.108).

Conexões

Otelo é um personagem guiado do heroísmo e das conquistas para as trevas. Um mundo onde só existe o ciúme e a raiva. Assim como ocorreu com o Mouro, ocorre com Bento Santiago, que deixa de ser o Bentinho, filho amado e amigo fiel, para tornar-se casmurro, sozinho com amarguras e rancores, feliz pela morte de sua esposa e de seu filho.

Em *Otelo* temos Iago como personagem que representa sua sombra e o faz cometer um ato brutal. Em *Dom Casmurro* o mal está dentro do próprio personagem Bento Santiago, tão hábil com as palavras quanto Iago, que convence o leitor de suas dúvidas, pois, em suas próprias palavras: “O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. (...) se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.” (Assis, 2019, 139). Shakespeare e Machado nos apresentam personagens atingidos pela angústia e pelo ciúme e que desgraçam suas próprias vidas com “dúvidas traidoras que os fazem perder o bem que muitas vezes poderiam conquistar”⁸.

Antonio Candido (1992), ao debater sobre o personagem do romance, questiona: o que seria um personagem real? O que traria verossimilhança e convenceria ao ponto de nos identificarmos com os dramas dos personagens? O romance precisa se estabelecer em critérios mais estreitos, estéticos de organização interna, e se isto funciona, aceitamos até o é inverossímil em face das concepções correntes⁹. Já no ensaio em que aborda o personagem de teatro, Décio de Almeida Prado (1992) difere o personagem do teatro do personagem de romance. Segundo Décio, a questão principal é que no teatro tudo acontece através dos personagens, que co-

nhecemos através de três situações: o que ele revela de si mesmo, o que ele faz, e o que dizem a seu respeito. Já no romance os personagens existem para um enredo, e no teatro para a ação. Para Antonio Candido existem duas famílias de personagens, duas categorias, os personagens de costume e os personagens de natureza, personagens planas. Os personagens de costume têm traços fortes, escolhidas e marcadas, que são reafirmadas a cada vez que a ação acontece, de forma caricatural, por vezes cômica e pitoresca. Enquanto os personagens de natureza são apresentados além dos traços superficiais. São apresentados pelo seu modo íntimo de ser, personagens esféricos¹⁰, como vemos Bento Santiago e Otelo.

Se pensarmos nos personagens Dom Casmurro e Otelo como símbolos, no sentido do mito, são representações que implicam em coisas para além de que manifestam de imediato. Tais representações surgem da relação dialética entre a subjetividade do indivíduo e do corpo social, criando, desta feita, o que Jung denominou *inconsciente coletivo* e que subjaz o inconsciente pessoal (2021). Ainda segundo Jung, do inconsciente coletivo emanam os arquétipos que são materializados em mitos e em contos de fadas, que, por sua vez, são parte predominante da criação artística, inclusive a

literária e dramática. Assim, quando Machado de Assis se debruça sobre a obra de Shakespeare e este, por sua vez, cria Otelo a partir de obra do italiano Giovanni Battista Giraldi, estão ambos reelaborando signos e significados profundos da cultura ocidental, do *inconsciente coletivo* compartilhado e transmitido ao longo da história.

Conclusão

Uma recriação artística, seja em qual for a linguagem, que busque elaborar tais representações exigirá, cremos, um mergulho para além das obras em si, mas, sobretudo, em seus significados profundos. Daí que a análise comparada, como a que exemplificamos neste ensaio, torna-se uma incontestável ferramenta de análise. As obras expostas aqui estabelecem, além das conexões entre si, muitas outras conexões possíveis com outras criações que permitem desenhar um mapa tridimensional de representações, significados, arquétipos que nos permitem compreender cada personagem e as suas situações dramáticas com profundidade e densidade. Profunda e densa é a arte que cremos ser necessária.

Referências

- ASSIS, M. **Dom Casmurro**. São Paulo: Globo, 1997.
- ASSIS, M. **Obra completa. v. 1: Romances**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- ARISTÓTELES: **A Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- BERTHOLD, M. **História mundial do teatro**. Tradução: Maria Paula Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CALDWELL, H. **O Otelô brasileiro de Machado de Assis**: Um estudo de Dom Casmurro. 3. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2022.
- CAMPBELL, J. **As transformações do mito através dos tempos**. 10. São Paulo: Cultrix, 1997
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAMPBELL J. **As máscaras de Deus**. 12. ed. São Paulo: Palas Atenas, 2022.
- CANDIDO, A. A personagem do romance, in **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção debates; 1).
- JUNG, C. G. **O Homem e seus símbolos**. 22. ed. São Paulo: Nova Terra.
- JUNG, C.G. **Quatro arquétipos** – mãe, renascimento, espírito, **trickster**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- KOTT, J. **Shakespeare nosso contemporâneo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SCHWARZ, R. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, R. **Ao vencedor das batatas**: forma literária e processo social no início dos romances brasileiros. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SHAKESPEARE, W. **Otelô**. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2017.
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. [Dictionnaire du théâtre]. Dir. de tradução: J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PEREIRA, L. M. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- PRADO, D. A. A personagem de teatro, in **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção debates; 1).
- OBRAS. Machado de [Assis.net](https://machadodeassis.net/). Disponível em: <<https://machadodeassis.net/>>. Acesso em: 11 de abril de 2025.
- W. H. Auden. **Aulas sobre Shakespeare**. São Paulo: Áyiné, 2022.

Notas

- 1 CAMPBELL Joseph. As máscaras de Deus.
- 2 CAMPBELL, Joseph. As transformações do mito através dos tempos
- 3 *Dom Casmurro*. Machado de Assis.net 2008 Disponível em: <<https://machadodeassis.net/>>. Acesso em: 11 de abril de 2025.
- 4 Referências na ficção machadiana. Machado de Assis.net 2008 Disponível em: <<https://machadodeassis.net/>>
- 5 ASSIS, Machado de, *Dom Casmurro*. Cap I intitulado “Do título” Não consulte dicionários Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão”
- 6 *O Otelô brasileiro de Machado de Assis*: Um estudo de Dom Casmurro. 3º Edição. São Paulo. Ed. Ateliê Editorial, 2022
- 7 SHAKESPEARE, William. *Otelô*. Companhia das Letras, 2017
- 8 ASSIS, Machado de, ROMANCES/1. Ressurreição, abertura: “*Nossas dúvidas são traidoras / E nos fazem perder o bem que muitas vezes poderíamos conquistar, / Por medo de tentar.*”
- 9 CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção debates)
- 10 CANDIDO, Antonio. A personagem de ficção. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Coleção debates; 1).

Recebido 28/03/2025

Aprovado 26/08/2025